

REFLEXÕES ACERCA DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE SOBRE EDUCAÇÃO

REFLECTIONS ABOUT PAULO FREIRE'S THOUGHT ABOUT EDUCATION

Rosilene de Oliveira Pereira¹
<https://orcid.org/0000-0002-8122-8511>

Regina Coeli Barbosa²
<https://orcid.org/0000-0001-8846-6515>

Resumo:

Paulo Freire foi um educador extremamente comprometido com a educação do homem marginalizado. Para ele a educação é a responsável para que o homem adquira uma formação que o torne digno de ser homem. É necessário educar o homem para a liberdade, para conviver e suportar a vida em sociedade. A educação deve fazer com que o homem estabeleça o limite da possibilidade da autodeterminação. Orientar-se pelo pensamento, dirigir-se de forma consciente é a condição necessária para que o homem seja livre. Para Freire, todo ser humano tem condição de se educar e se transformar em ser autônomo, independente e capaz.

Palavras-chave: educação; liberdade; transformação; consciência crítica.

Abstract:

Paulo Freire was an educator extremely committed to the education of marginalized men. For him, education is responsible for the man to acquire an education that makes him worthy of being a man. It is necessary to educate man for freedom, live together, and life in society is fundamental. Education must make man establish the limit of the possibility of self-determination. Guiding by thought, moving towards the conscious form is the necessary condition for man to be free. For Freire, every human being can educate himself and become autonomous, independent, and capable.

Keywords: education; freedom; transformation; critical conscience.

¹ Professora titular do Departamento de Educação da Faculdade de Educação da UFJF. Juiz de Fora, MG, Brasil.

² Professora aposentada do Departamento de Educação da Faculdade de Educação da UFJF. Juiz de Fora, MG, Brasil.

INTRODUÇÃO

Freire foi considerado um educador progressista. Deu os primeiros passos para a construção de uma nova maneira de encaminhar a pedagogia. No Brasil, onde as desigualdades se avolumavam cada vez mais e o incessante crescimento das massas de excluídos dos bens e serviços essenciais à vida humana, dos índices assustadores da pobreza e de suas consequências, neste cenário surge Paulo Freire com suas contribuições para a educação. Era radicalmente contra o determinismo e o positivismo científico pela definição de sujeito a-histórico que apresentavam.

Paulo Reglus Neves Freire, nasceu em 19 de setembro de 1921 na cidade de Recife, em Pernambuco. Filho de Joaquim Temístocles Freire (oficial da Polícia Militar) e de Edeltrudes Neves Freire. Desde a adolescência ficou conhecido como Paulo Freire.

Com a crise de 1929, sua família foi morar em Jaboatão, perto de Recife, à procura de dias melhores. Entretanto, logo seu pai faleceu e com isso conheceu o significado da pobreza e todas as suas consequências na vida do homem.

Aos 22 anos entrou para a Faculdade de Direito do Recife e tornou-se advogado. Não seguiu carreira do direito, mas influenciado por sua esposa Elza Maria Costa Oliveira, professora primária, dedicou-se à atividade docente pelo restante de sua vida, passando a trabalhar também com a educação de adultos.

Em 1959, obteve através de concurso, o título de Doutor em Filosofia e História da Educação. Recebeu mais 43 títulos de doutor “honoris causa” por todo o mundo. Todo esse percurso foi permeado por contínuos envolvimento com as políticas públicas.

Em 1964, quando o golpe militar eclodiu, Paulo Freire foi considerado subversivo devido a seu método de alfabetização que não somente aumentaria o eleitorado brasileiro, como também, levaria as forças conservadoras a perderem espaço político. Pregava uma “Pedagogia desveladora das injustiças, desocultadora da mentira ideológica” (BARRETO, 1998, p. 29).

Foi exilado indo para a Bolívia. Mas, devido ao golpe de Estado neste país, foi refugiar-se no Chile onde ficou até 1969, atuando como Assessor do Ministério da Educação Chileno e Consultor da UNESCO. Deixou o Chile e foi trabalhar como professor convidado na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Depois foi para a Suíça atuar como consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas em Genebra. Lá viveu 10 anos. Nessa nova atividade percorreu todos os continentes e colaborou com dezenas de países, com exceção do Brasil no qual estava proibido de entrar. Paulo Freire foi reconhecido mundialmente.

Em 1980, Freire anistiado retornou ao Brasil que vivia neste momento, uma abertura política. A partir daí pôde reafirmar suas críticas à educação por ele denominada “bancária” numa perspectiva crítico dialógica.

Em maio de 1997, morreu Paulo Freire, aos 75 anos, na cidade de São Paulo. Deixou muitas obras publicadas e seus ideais permanecem vivos na atualidade.

Paulo Freire foi um marco na educação brasileira. Ofereceu ao educador as “ferramentas” necessárias para enxergar o educando por uma nova ótica. Reconheceu que a educação é um processo vital na formação da pessoa humana para a aquisição de sua dignidade e o exercício

autêntico de sua cidadania. É a única responsável para que o homem adquira uma formação que o torne digno de ser homem e usufrua das qualidades inerentes à sua espécie.

Freire percebeu a relação entre educação e sociedade. Para ele, o trabalho pedagógico traz sempre consigo uma dimensão política, se desenvolve dentro de condições determinadas entre as classes sociais numa dada sociedade, na dependência dos seus interesses. A realidade social é pautada no jogo de forças das relações e correlações dessas classes que formam a totalidade social.

Muitas mudanças vêm ocorrendo na sociedade devido ao fortalecimento do capitalismo industrial e do desenvolvimento tecnológico científico. Neste cenário, a educação não tem como meta formar o indivíduo como “pessoa humana”, mas como força de trabalho cada vez mais especializada. A burguesia aproveita desta situação para estabelecer os limites da liberdade e impõe através da ideologia maneiras de ser, pensar e agir, como também, o tipo de educação para as diferentes classes sociais. Assim, no contexto social é que se manifestam as diversas formas de controle, discriminação e opressão.

Freire sempre se posicionou, de forma veemente, contra a discriminação e condição humilhante de inferioridade das pessoas das camadas socialmente desfavorecidas. Reconheceu o homem como um sujeito histórico, determinado/influenciado pelo meio, mas acima de tudo, nele identificou sua vocação ontológica de ser “sujeito”, ser “dono do seu próprio existir”. Considerava a educação, como a possibilidade de uma contra ideologia.

Essas mudanças que vêm se processando ao longo do tempo só fazem para encobrir a ideologia fatalista de opressor negando a ideologia da libertação por não aceitar a possibilidade de transformação do oprimido, impondo a manutenção do status quo.

Para este educador, a história precisa ser modificada, mas, só será, se for vivida igualmente por todos, considerados como sujeitos e não como objetos. A visão fatalista, para ele, impede que se reconheça as potencialidades dos sujeitos e que só faz aumentar a discriminação, impedindo o desenvolvimento do outro. Essa ordem discriminatória, falsamente justificada pelos opressores, por meio de explicações mecanicistas dos fatos sociais, precisa ser combatida e o determinismo histórico rejeitado.

UM GRANDE EDUCADOR, UM IDEAL DE EDUCAÇÃO: PAULO FREIRE

A educação como um dos instrumentos de dominação social viabiliza a realização da ideologia dominante, cujo objetivo é a alienação, a domesticação, a subserviência. Nesse sentido, foram acirradas as críticas de Paulo Freire à educação que desvirtua seus sentidos e não oferece ao homem a possibilidade de desenvolvimento de sua consciência crítica. Pensou num perfil de homem que não fosse “fabricado” pela ideologia capitalista, mas que pudesse ser delineado, estabelecido por uma educação humanizadora e pudesse se constituir em um verdadeiro protótipo de cidadão para uma sociedade “civilizada”, mais justa e igualitária.

No entendimento de Freire, “para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar ou melhor dito: a quem queremos ajudar educar-se” (FREIRE, 1980, p.33-34).

É preciso, portanto, conhecer o educando e seu contexto. Pela ausência de uma análise de seu meio sócio-econômico-cultural corre-se o risco de oferecer-lhe uma educação inoperante. Para ser um instrumento válido, a educação deve ainda estabelecer uma relação dialética com o contexto da sociedade na qual o educando está inserido. A reflexão sobre sua situação e sobre seu ambiente concreto, conforme Freire (1980) irá proporcionar ao homem tornar-se um “sujeito cognoscente”.

A partir das relações que o homem estabelece com o mundo, integrando-se nas condições de seu contexto, através de suas ações, do seu fazer vai dinamizando o mundo e, ao mesmo tempo, desenvolvendo sua consciência crítica, seu “ser homem”.

Na verdade, não interessa à classe dominante da sociedade optar pelo “esclarecimento” das massas, o desenvolvimento de sua consciência crítica porque isso, certamente, dificultaria sua dominação. A minimização do homem “simples”, no entender de Freire, facilita a domesticação e o apoderamento das camadas mais ingênuas da sociedade.

A passividade não permite ao homem sua integração e engajamento no contexto social. A integração transforma o homem, ela “resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade” (FREIRE, 1983, p. 42). Se o homem, ao contrário, perde a capacidade de optar e se submete às determinações impostas, se acomoda, não se integra, mas se esvazia como sujeito, perde seu “direito” e “poder” decisório; vai aceitando as prescrições a ele delegadas pela elite, em forma de receita que deve acatar, seguir e submeter.

E, quando, no entender de Freire, “julga que se salva seguindo as prescrições; afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se a puro objeto. Coisifica-se (FROMN, Erick apud Freire, 1983, p.43-44). Assim, não precisa ter o trabalho de pensar; instala-se na “menoridade”, segundo Kant. Esta seria a chance de o homem ter a plenificação de seus valores, interesses, necessidades o que deu lugar a um sentimento de impotência e negação de seu “eu”.

O slogan freiriano é a “educação como prática da liberdade” cujo imperativo é a autonomia, a possibilidade de decisão e de escolha; o engajamento na luta em busca de defender os direitos de igualdade, de participação em todos os setores da sociedade.

Freire adverte sobre a existência de duas diferentes concepções de educação, ou seja, a educação “bancária” na qual os educadores, como detentores do saber, depositam na mente dos educandos “saberes alheios” que vão repetindo mecânica e automaticamente, sem nenhuma correlação com seu dia a dia, com sua realidade imediata. Essa educação, em nada contribui na formação da consciência crítica do aluno, mas consolida sua consciência ingênua.

A outra concepção, ou seja, a educação libertadora, por ele também denominada de transformadora, ao contrário, considera o homem agente de sua própria transformação. Essa educação é exercida numa prática humanizadora, onde se considera o homem como sujeito, um ser pensante porque a educação do pensar é a chave do processo de sua humanização.

Daí a importância da contextualização da prática pedagógica porque através dela os educadores permitem que os educandos penetrem no mundo da realidade social para conhecê-lo, instrumentalizando-se para melhor enfrentá-lo. Essa prática tem a vida do educando como ponto de partida, como referencial para encaminhar o ensino. O respeito ao conhecimento prévio do

educando é fundamental nessa abordagem educativa para que se possa propor e não impor, para que se estabeleça o diálogo, a reflexão conjunta, a busca da verdade.

Freire acredita na importância do diálogo para o estabelecimento de uma autêntica relação entre os homens. No seu entender, o diálogo se constrói na relação entre sujeitos mediatizados pelo mundo. Ao refletirem sobre a prática, seu fazer no dia a dia, ao atuar sobre ela para transformá-la, os homens vão se comunicando, aprendendo a falar, a ouvir e a se posicionar. Essa é uma prática democrática, compartilhada, onde não se impõe ordens nem determinações, mas permite a expressão de pensamentos e ideias, sentimentos e necessidades. Com metodologias diversas proporciona ao educando a participação na busca do saber, na sua reelaboração e reestruturação; e assim, transforma a matéria prima colhida em conteúdo de ensino, facilitando a análise da realidade, propiciando-lhe a assimilação dos conteúdos, de forma crítica e reflexiva, promovendo a troca de informações, a conscientização.

Orientando as atividades, os educadores vão permitir aos educandos se tornarem autores de sua própria aprendizagem e a própria prática em situação propiciadora da formação do conhecimento. O educando, nesse tipo de educação, diferente da educação bancária, não se comporta como mero recipiente ou depositário de conhecimentos, mas deve ser desafiado a pensar, a construir o saber, a perceber a realidade de forma mais autêntica.

Para passar da consciência ingênua à consciência crítica, é necessário um processo muito cuidadoso, um longo percurso, como diz Paulo Freire, no qual o oprimido rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, uma vez que este se considera ignorante e incapaz. E essa rejeição é a forma que ele tem de se construir como sujeito.

Para Freire, o educador, portanto, tem que optar ou por uma educação para a domesticação, para a alienação ou ao contrário, pela educação libertadora. Entendia que a educação não é neutra devido aos prolongamentos sociais da ação educativa. Assim, “ou se realiza uma educação para a formação do homem-objeto ou para o homem-sujeito” (FREIRE, 1983, p. 36).

A educação precisa de pressupostos, de conceitos que orientem os seus caminhos. Cabe ao educador refletir sobre o tipo de homem que deseja formar. As ações educativas devem pautar-se em concepções que se façam cumprir para propiciar ao homem sua “omnidade”.

Freire acreditava que o fenômeno da ascensão das massas é, em grande parte, decorrente da educação que o indivíduo recebe, mas não da educação “bancária”, aquela que é reprodutora dos conteúdos escolares, da rigidez e secularização da cultura burguesa. A educação “bancária”, conforme dito, se faz pela transmissão acrítica de conteúdos e conhecimentos cristalizados na prática escolar. E, o que Freire visava era a expansão de oportunidade em todos os setores e a superação da estratificação social rígida; desejava que a mobilidade social fosse comum a todos os homens, o que só pode ser conquistada através da educação libertadora.

É preciso educar o homem para a cidadania, para a sua integração à vida social e política da sociedade. É necessário que vá adquirindo a exata compreensão do significado das diversas práticas exercidas na sociedade, o real valor de sua existência e as imposições que lhe são determinadas. Por isso, educar para a cidadania requisita possibilitar ao homem fazer uso da razão para que possa usufruir de todos os benefícios, de forma crítica e reflexiva; ser autor de seu pensamento e de suas ações.

Paulo Freire denuncia a educação escolar. Para ele, a instituição escola que deveria ser o local apropriado para uma educação libertadora, para a formação da cidadania se transformou numa “indústria” de excluídos e marginalizados sociais. Sua função política e social tem sido a de beneficiar interesses contrários aos da classe trabalhadora, das classes subalternas através de currículos descontextualizados e de referenciais teórico-metodológicos que impedem a compreensão, a reflexão e a análise do cotidiano da vida dos educandos.

Freire teve uma atenção especial à Educação Popular, à Educação de Jovens e Adultos propondo a fundamentação da prática pedagógica numa concepção de educação como atividade cultural a partir do diálogo de saberes diversos, da contextualização do trabalho pedagógico, da diversidade cultural, da vivência de saberes experienciais mediados por uma ética de respeito à diversidade e à multiculturalidade. Ofereceu a chave desse processo pela “teoria da ação dialógica”, norteadas pelos princípios da união para a libertação, da colaboração e do empenho no encaminhamento do processo formativo/educativo. Considerou a educação popular como caminho para a conquista da liberdade por ser instrumento que promove o diálogo intercultural, problematiza conflitos de interesses mútuos e a busca de estratégias para facilitar o enfrentamento às diversas dificuldades político-sociais. Assim, considerou uma educação que propiciasse ao homem a aquisição de uma nova postura diante de seu tempo e de seu espaço (FREIRE, 1983). Para ele, “não há nada que mais contradiga e comprometa a emergência popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições da verdadeira participação” (FREIRE, 1983, p. 93).

Essa educação nega a própria teoria como referência para a prática porque lhe falta um contato analítico com o existente; por isso, se transforma em verbalismo. Conforme Freire, nossa educação não é teórica, pois somente faz comunicados e não contribui na mudança de atitude do educando (FREIRE, 1983).

A própria posição da nossa escola demonstra impossibilidade de reverter o quadro nacional da educação. O alarmante índice de analfabetismo expressa a posição caracteristicamente ingênua da educação escolar, com suas “manifestações ostensivamente palavrescas” (FREIRE, 1983, p. 96) ao mesmo tempo que demonstra uma grande descrença no poder de aprendizagem das massas populares e não se interessa pela autêntica aprendizagem do educando. Freire percebeu o encantamento da escola com a sonoridade da palavra, “pela memorização dos trechos, pela desvinculação da realidade, pela tendência a reduzir os meios de aprendizagem às formas meramente nocionais...” (FREIRE, 1983, p. 95).

A prática dos educadores demonstra uma resistência contra a mudança, o que necessitaria de uma formação pedagógica, nesse sentido, que valorizasse o educando como sujeito sócio histórico. Por isso, o ensino da leitura e da escrita não tem um significado. Ensinar, para Freire, exige a convicção de que a mudança é possível, mas que a acomodação expressa alheamento.

Freire recrimina um processo de alfabetização que coloca o leitor como que magnetizado pela palavra do autor. “Se se comporta passivamente, ‘domesticadamente’ procurando apenas memorizar as afirmações do autor. Se se deixa ‘invadir’ pelo que afirma o autor. Se se transforma numa ‘vasilha’ que deve ser enchida pelos conteúdos que ele retira do texto para pôr dentro de si mesmo” (FREIRE, 1979, p.10).

O aprendizado da leitura vai além de uma leitura mecânica e automática porque demanda compreensão da significação do texto, da palavra o qual representa. A palavra precisa ter relação com a vida do educando, com a realidade imediata e não pode ocultar o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento.

É impossível um estudo sério num processo de alfabetização em que os alfabetizados simplesmente repetem palavras e frases para memorizar, como por exemplo, destacou Paulo Freire: “a asa é da ave...; Eva viu a uva”, sem apresentarem um significado real, dentro de um contexto. Estudar, para ele, “é uma forma de reinventar, de criar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto” (1979, p.10).

Para Freire, ninguém é analfabeto por desejo próprio, mas devido às condições de sua própria existência (idem). Como seres passivos e dóceis os alfabetizados vão se alienando com o que ele chama de “ideologia da acomodação”; não conseguem captar a complexidade que, muitas vezes, encobre a realidade e por isso apresentam respostas de forma mecânica. Consequentemente, esse episódio só faz impedir o desenvolvimento de sua consciência crítica.

O envolvimento social de Freire com as classes populares contribuiu para a realização de propostas teórico-metodológicas. Esse educador detectou uma enorme distância entre a cultura escolar e a cultura popular, identificando resultados que considerou desastrosos na educação do educando. No seu entender, quando este é alfabetizado por meio de uma prática pedagógica distante de sua realidade, sua compreensão torna-se vaga, bloqueando seu alcance interpretativo.

O estado de alienação produzido pelo distanciamento cultural define um tipo de estigma como marca social que estará sempre presente na vida do homem promovendo seu processo de marginalização.

A maior preocupação de Freire é com o que ele denomina de “cultura do silêncio”, isto é, com as pessoas que “não têm uma voz própria, uma postura crítica, que sofrem de dualidade existencial e de um senso de auto depreciação e são caracterizadas pela submissão e pelo silêncio” (FREIRE apud LIMA, 1981, p.89). Consumidores de uma cultura “importada” que não é a sua, desvinculada de seu repertório existencial, o educando perde seu referencial como pessoa humana e “ser social”.

À medida em que os processos de democratização avançam, se faz necessária a possibilidade de ampliação de espaços das diversas culturas por se constituir na experiência de uma prática fundamentada. A cultura inaugura uma nova possibilidade de ser, e o homem, ele mesmo como possibilidade cultural, cria e inventa a partir do referencial contido em seu mundo cultural.

A cultura é produzida pelos homens. E, conforme Paim apud Guimarães e Prota (2009), é na concretude da experiência que o homem, como liberdade criadora, produz a cultura estabelecendo a civilização que, devido à subjetividade e à consciência vai cada vez mais aprimorando, ao mesmo tempo em que faz surgir um novo homem.

Para Freire (1980), a cultura é a contribuição que o homem faz ao dado, à natureza, como resultado de sua atividade, do esforço criador e recriador de seu trabalho. Considerando as diferenças culturais, Freire (1996, p.30) diz que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. Eles trazem consigo saberes, conhecimentos, cultura da classe social a que pertencem.

Propõe que sejam desenvolvidos numa perspectiva crítica e conscientizadora; que sejam extraídos da realidade dos educandos, de seu contexto de vida, para favorecer a reflexão, proporcionar uma visão de mundo mais real e se preparar para enfrentar os problemas da vida diária. Da mesma maneira que os educandos sofrem influência do meio, se tornam pessoas influentes e capazes de provocar profundas transformações neste meio.

O mundo da cultura reflete o espírito subjetivo do homem, de acordo com seu sentido existencial, de suas perspectivas. Ele cria a cultura como a própria expressão do seu ser, do seu pensar, agir e fazer. Conforme Freire, não é apenas consumidor, mas produtor de cultura. “É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue, permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história” (FREIRE, 1980, p. 39). Precisa também saber utilizar adequadamente a natureza, a ciência e a tecnologia; elaborar e usufruir de toda a cultura existente. O importante é que as novas gerações tenham uma compreensão adequada dos valores veiculados na sociedade e apresentem um comportamento ético ao fazer e utilizar as mais diversas culturas.

A concepção de liberdade, expressa por Freire, é a matriz que dá sentido a uma educação transformadora do homem e da sociedade, na qual vão agir livremente, de forma crítica e consciente. Esse educador deixa claro que é importante que a liberdade procure estabelecer seu limite no exercício de suas tomadas de decisão e que o homem procure sempre assegurar seu poder de agir na sociedade seguindo suas determinações internas, mas dentro de limites impostos pelas normas sociais.

A liberdade não é algo que surge na vida do homem por acaso. É necessário buscá-la, lutar para consegui-la, procurá-la em sua práxis, num processo de reflexão sobre sua situação. Mas a busca da liberdade é para os oprimidos um processo assustador; preferem a alienação. E nesse estado desejam assemelhar-se aos opressores, os admirando, procurando imitá-los.

Outra característica dos oprimidos, no entender de Freire (1980, p.61) é “o desprezo por si mesmo, que provém da interiorização da opinião que os opressores têm sobre eles”. São julgados de fracos, preguiçosos, improdutivos, e assim acabam se convencendo desse desvalor. Além disso, passam a acreditar que somente os opressores são dotados das mais altas possibilidades e capacidades, por isso, não são marginalizados.

Para Freire (1980), os oprimidos não são marginalizados por opção, mas por exclusão do sistema social, que procura mantê-los nessa posição para benefício próprio. Por isso, o homem marginalizado não é “um ser fora de”, mas “um ser no interior de”, numa sociedade de seres inautênticos, regidos por uma relação de dependência (FREIRE, 1980). Considerar que o analfabeto seja uma pessoa que vive à margem da sociedade, seria compactuar com a ideologia dominante; seria, no entender de Freire (1980), considerá-lo um homem doente cuja cura só poderia acontecer por meio da alfabetização.

Alfabetização, no sentido freiriano, significa uma atitude crítica frente à realidade, numa leitura desveladora para esclarecimento de suas dimensões. Isso significa que a relação homem-mundo se constitui numa relação dialética, ou seja: “a conscientização não está baseada sobre a consciência de um lado, e o mundo de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo” (FREIRE, 1980, p.26).

Esse é o motivo de Freire apostar em uma educação conscientizadora, libertadora, capaz de promover o olhar crítico numa tomada de consciência da realidade que é mascarada pela ideologia, conseqüentemente, obscura para os menos favorecidos. Essa educação “implica na negação do homem abstrato, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 1978, p. 81).

Homem e mundo fazem parte de uma mesma moeda. Não existe homem sem mundo, como também, mundo sem homem. Por isso, toda reflexão que deve acontecer sobre os homens precisa considerar suas relações com o mundo; consciência e mundo são concomitantes.

A educação problematizadora rejeita a contradição educador-educando, como também realiza sua superação em todo seu processo. Os educandos precisam ser chamados a conhecer, na efetivação do ato cognoscitivo. Por isso, Freire pensou na alfabetização como um ato de superação mediatizado pela reflexão crítica. Pensou numa alfabetização que fosse não somente um ato de criação, mas que fosse além dele, gerando outros atos criadores; que “desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura” (FREIRE, 1980, p. 41).

Esse processo ajudaria o homem a tomar consciência de sua realidade e de sua condição de pessoa, o que o ajudaria a politizar a si mesmo. Entretanto, este fato demanda liberdade, possibilidade de decisão, de escolha, de autonomia.

Para que isso ocorra é preciso que, constantemente, se envolva no domínio político, que participe do processo de transformação das estruturas sociais e políticas responsáveis pelas relações de poder e as ideologias. O oprimido precisa lutar para participar dos processos decisórios da vida do país, o que no entender de Freire, se torna possível pelas condições concretas de sua existência.

A prática política que se fundamenta numa visão fatalista de opressor não aceita as “possibilidades de ser” do oprimido, o que é bastante favorável à manutenção do status quo, reprimindo a participação das camadas economicamente desfavorecidas; discriminando as diferenças, impedindo suas manifestações. Entretanto, a prática da liberdade conduz ao enfrentamento das situações limites básicas à sua superação. Esta situação poderá provocar um conflito com o opressor que não desejará “abrir mão” de sua posição de dominação. O “imperativo da desigualdade” seria substituído pelo “imperativo da liberdade”, conforme anuncia Freire. É parte da trama opressora fazer com que o oprimido se admita inferior, que aceite a condição de submissão, a fim de que possa “hospedar em si o opressor” e vislumbrar tudo aqui que lhe é específico. Seria ingenuidade esperar do opressor renunciar à possibilidade de oprimir, de participar do processo de sua libertação. “Somente na medida em que se descubram ‘hospedeiros’ do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia dos oprimidos, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação de sua desumanização” (FREIRE, 1978, p.32).

Interessante destacar em Paulo Freire que ao invés de buscar sua libertação, “na luta e por ela tendem a serem opressores também ou sub opressores” (idem, p.33). O oprimido assume então uma postura que ele denomina de “aderência ao opressor” (idem, p.33). A questão é que o oprimido

se identifica com o opressor e torna-se opressor do outro. Seu processo de libertação fica assim prejudicado, devido à imersão que se encontra na realidade do opressor. Vale destacar o exemplo dos camponeses que, ao serem “promovidos” a capatazes, se tornam também opressores.

Ao mesmo tempo que os oprimidos introjetam a “sombra” dos opressores temem a liberdade, uma vez que esta impõe a eliminação da “sombra”, e conseqüentemente impõe a necessidade de preencher o vazio deixado pela expulsão com a sua autonomia; o que implica na responsabilidade de ser livre e se tornar agente de participação e mudança. O processo de expulsar o opressor de dentro de si, de desalienar ou continuar alienado é um dilema difícil para os oprimidos, mas que a sua pedagogia precisa enfrentar. “A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 1978, p. 36).

A busca da liberdade implica na extinção/eliminação do imobilismo, na consideração do homem como um ser que “caminha para frente”, que se reconhece um “devir”, um ser que está sendo. É preciso que os homens tenham consciência de que são seres inacabados, inconclusos em e com uma realidade, sendo histórica também, é igualmente inacabada “...os homens se sabem inacabados” (FREIRE, 1978, p.83).

Devido à consciência de sua inconclusão é que a educação do homem se torna possível, como um processo permanente. O inacabamento para Freire é a possibilidade da concretude, da busca da perfeição.

Paulo Freire nos convida a refletir sobre os saberes necessários à prática educativa, porém de forma crítica, fundamentada numa ética pedagógica e numa visão de mundo rigorosa, curiosa, crítica, de tolerância e, ao mesmo tempo, alegre, com esperança de uma educação autônoma, acreditando que é com autonomia que há ensino e aprendizado entre educador e educando, numa relação dialógica.

A pedagogia da autonomia apresenta elementos para que se possa compreender a prática docente enquanto dimensão social da formação humana. É neste sentido que se dá a inconclusão do ser humano, pois sua inserção deve ser de procura incessante, de uma responsabilidade ética, ética esta universal do ser humano, da vocação ontológica do homem de ser mais, de um ser que tem presença no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 1996, p.20).

Segundo Paulo Freire, não há docência sem discência, pois um aprende com o outro. O ensinar-aprender é uma experiência global, política, ideológica, pedagógica, ética. Quanto mais o aprendizado for crítico, mais a curiosidade é aguçada no ser humano, no educando, especificamente. Ensinar, segundo Freire, exige metodologia, pesquisa, respeito, criticidade, estética, ética, novidade, cultura. A maneira como o professor impulsiona o educando em sua formação e auto formação faz a diferença na vida deste aluno, na sua formação enquanto ser humano.

Freire destaca, também, que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade ao aluno para que realize sua própria construção. O professor precisa estar disposto a mudar, aceitar o diferente. A inconclusão é própria da vida humana. A consciência do inacabamento faz o homem ir além. A construção de quem somos é feita a partir da história.

Freire evidencia, ainda, que ensinar é próprio da especificidade humana, isto é, ensinar exige competência, comprometimento, autoridade, liberdade. A atividade do magistério requisita que o professor tenha autoridade, compreenda que a educação é uma forma de intervenção no mundo, precisa ter disponibilidade para o diálogo com seus alunos, sabendo escutá-los. A educação é política, pois é no ato político que se dá a educabilidade do ser humano. Aqui ele se faz ético, ser de opção, de decisão.

Enfim, a educação precisa contribuir na formação de um cidadão crítico, consciente, capaz de fazer uma leitura autêntica da realidade. O perfil do cidadão hoje incorpora habilidades que o levam a ultrapassar a realidade imediata e a transcender a ela; a se estender pelo mundo e relacionar-se com outros povos e outras culturas. Requisita que saiba se adaptar aos diversos tipos de realidades. Além do inquestionável domínio do saber, o cidadão da atualidade precisa aprender a ser, a conviver com o outro e se ajustar as mais diversas situações.

Assim, a escola e os professores têm papel relevante. Cabe a eles oferecer uma educação crítica, libertadora, transformadora. Uma educação que propicie sua “abertura” para um constante desabrochar, um desenvolvimento permanente. Que aprenda a pensar, a fazer uso constante do diálogo, da lógica; a procurar alternativas de solução para os problemas que lhe apresentarem, mas, acima de tudo, que aprenda a respeitar a si e ao outro, a tê-lo como seu semelhante, extensão de si próprio.

Um dos principais papéis reservados à educação consiste, antes de mais nada, em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de fato, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e da comunidade.

A educação deve ser encarada no quadro de uma nova problemática em que não apareça apenas como um meio de desenvolvimento, entre outros, mas como um dos elementos constitutivos e uma das finalidades essenciais desse desenvolvimento.

É imprescindível o comprometimento do professor com esse tipo de educação. Deve apresentar competência profissional se preocupando em oferecer um ensino de qualidade e conhecer a realidade na qual está inserido.

Talvez o grande desafio que se coloque para os teóricos e profissionais da educação, hoje, seja o de superar a dicotomia entre técnica e moral, ciência e moral, trabalho e poder, e, recuperar novamente a visão da educação como força ética e política.

A missão da educação é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma real civilização.

A crença no poder da educação é a busca de possibilidade de “humanização do homem” para que possa fazer uso da razão no desenvolvimento e utilização da ciência de forma crítica, reflexiva, ética. A melhoria da humanidade só pode acontecer por meio da educação. E o que está em julgamento em educação é o homem como um ser livre, finito, num mundo também finito, mas repleto de possibilidades. Daí a necessidade de uma educação adequada, capaz de preparar o homem para atender às exigências impostas neste momento histórico.

É preciso que a educação garanta a realização dos indivíduos e as interações entre elas na sociedade para que a organização social possa acontecer de forma mais humana, mais harmoniosa. Só a educação pode promover o desenvolvimento humano, isto é, as autonomias individuais, as participações comunitárias e o sentimento de pertencer à espécie humana. Cabe à educação cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade. O homem precisa ser educado para que considere os princípios universais da conduta humana, ao mesmo tempo, que aprenda a reagir diante da diversidade.

A educação do homem está condicionada à liberdade, ao mesmo tempo, que sua liberdade depende da educação que recebe. Uma educação adequada poderá conduzir o homem ao bem, a ter a lei moral como motivo único de suas ações. O homem privado de uma educação adequada não sabe usar sua liberdade e conseqüentemente confunde ou ignora o bem exercendo o mal. O cidadão para defender-se precisa desenvolver a razão através da liberdade de pensamento e da educação. A liberdade exige que o homem tenha coragem de servir-se de seu próprio intelecto, objeto maior da educação.

É preciso que a educação ensine o homem a pensar para usar a razão e guiar com precisão o seu agir, refletir sobre as conseqüências sociais, éticas e morais de seu comportamento. É preciso uma educação que propicie ao homem o usufruto de sua liberdade, mas reconhecendo-se que liberdade implica na eleição da lei moral, na aquisição de valores universais, no controle do arbítrio, na racionalidade das regras sociais. A educação deve instrumentalizar o indivíduo para exercer o direito e, conseqüentemente, tornar possível a liberdade que é a única condição para que o homem possa se fazer homem.

Pode-se dizer que a educação é responsável pela humanização do homem, pois ele não é nada senão o que a educação faz dele. Melhor dizendo, é preciso uma educação que contribua na formação do homem de forma digna para que se instale um processo de transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire foi um pensador altamente comprometido com a educação do homem marginalizado; um educador que acreditou na educação como prática de sua libertação. Defendeu uma pedagogia que considerasse o homem como sujeito de seu existir; “uma pedagogia em que o oprimido tenha condição de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (FREIRE, 1998, p. 01).

Posicionou-se contra as mais diversas formas de assistencialismo por considerá-las instrumento de manipulação, de sedução, facilitadoras da subserviência, da domesticação. Acreditou que todo homem tem capacidade para aquisição da dignidade.

No seu entender, dizer que os homens são livres e nada fazer para que se concretize a liberdade expressa compromisso com a dominação. Considerava a educação como ferramenta para o oprimido desvencilhar-se das amarras da dominação.

A educação faz parte da existência humana; ela é responsável pelo seu “fazer-se homem”. Mas, uma educação libertadora, capaz de encaminhá-lo na busca da restauração da intersubjetividade, na construção de sua “omnidade”. Somente ela é capaz de fazer com que o oprimido desvele o mundo da opressão, conquiste seu espaço na sociedade como cidadão.

O homem não nasce consciente. É preciso permitir que o processo educativo eleve o nível de consciência humana. A consciência crítica é o único instrumento capaz de propiciar-lhe uma leitura autêntica da realidade, inseri-lo no processo histórico como sujeito, evitando os fanatismos, a criação de mitos, o medo da liberdade e propiciando solidarização com os marginalizados da sociedade.

Para que o processo libertador aconteça, os oprimidos precisam ter consciência da situação em que vivem e reconhecer os responsáveis por esse destino.

A pedagogia dos oprimidos é, segundo Paulo Freire, a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, pela eliminação da auto-desvalia, por sua condição de sujeito e pessoa humana. Para ele, não existem pessoas ineducáveis. Todo ser humano tem condição de se educar e se transformar em ser autônomo, independente e capaz. Propõe uma “educação problematizadora” ou “educação para a liberdade” que visa levar o homem a uma discussão corajosa de sua problemática, a uma reflexão sobre as contradições existentes na sociedade, a reconhecer que faz parte da história, para tomar consciência de suas possibilidades como pessoa humana, porque tem capacidade de discernimento. E, por isso, pode responder aos desafios que lhe são impostos de forma crítica, reflexiva, consciente. Essa educação liberta o homem em lugar de domesticá-lo (FREIRE, 1980); propicia-lhe a tomada de consciência da realidade e de sua capacidade de transformá-la.

Para Freire, essa é uma conquista possível, uma proposta capaz de superar os aspectos opressores observados na realidade que ele denomina de inédito viável. “Esse inédito viável” é “algo que o sonho utópico sabe que existe, mas que só será conseguido pela práxis libertadora que pode passar pela teoria da ação dialógica...”; “é uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade” (FREIRE, 1992, p.206).

A crença na possibilidade do homem como sujeito e agente de transformação social é um ideal utópico, mas é o maior legado que Paulo Freire deixa aos educadores.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Vera. **Paulo Freire Para Educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos**. 4 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Trad. De Kátia de Melo e Silva. 3 ed., São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 14 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 5 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e Cultura**: as ideias de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEREIRA, Regina Coeli Barbosa e PEREIRA, Rosilene de Oliveira. Culturalismo e Educação no pensamento de Antônio Paim in GUIMARÃES, Aquiles Côrtes e PROTA, Leonardo (org.). **Filosofia e Cultura**: escritos em homenagem a Antônio Paim. Londrina: Humanidades, 2009.